

Em 2007/2008
A PALAVRA PERTO DE TI...
...devolve-me a (à) vida (nov.)
...faz-se um de nós (dez.)

UMA PALAVRA QUE NOS UNE

Esta é uma Palavra que nos une precisamente porque inscreve a experiência que da Palavra de Deus homens e mulheres fizeram. Isto faz então desta palavra escrita uma palavra autenticamente humana e que no mínimo é segunda (Hans Urs von Balthasar) face à Palavra primeira que é o próprio desejo da auto-comunicação de Deus. Logo, esta palavra escriturística é uma Palavra no meio de muitas outras, o que faz precisamente do cristianismo não uma religião do livro. A fé cristã vive numa relação a um livro (a Bíblia) precisamente porque à boa maneira semita não o possui (não existe o verbo “ter” na língua de Israel), mas tão-somente esse livro foi-lhe concedido à existência para ela (comunidade crente). Não é a comunidade para o livro mas o livro para a comunidade. A fé cristã vive desta referência, mas que não esgota a realidade do mistério de Deus. Assim, quer Israel quer a tradição cristã vivem da hermenêutica sacramental da escuta também desta palavra escrita. É a mesma, em tempos diferentes. Por isso, a Bíblia não é apenas um livro, mas o Espírito fá-la Palavra de Deus, o mesmo que a inspirou e que inspira a sua hermenêutica. A união à Palavra de Deus une a tradição cristã à tradição tanáquica de Israel, na medida em que esta é a sua primeira parte escriturística. Não admira portanto que o Novo Testamento cite profusamente o Antigo, pois trata-se efectivamente da mesma Palavra. Em 2001, a Comissão Bíblica apresentou uma reflexão sobre o lugar das escrituras judaicas no corpo bíblico cristão¹. Desse documento faz-se aqui uma longa citação:

“As reminiscências da BH [Bíblia Hebraica] no N.T. contam-se às centenas, mas a sua identificação é bastante discutida. Só para dar um exemplo, tenha-se em consideração que o livro do Apocalipse não contém nenhuma citação explícita da Bíblia Hebraica, mas é um verdadeiro tecido de citações e de alusões. O texto do Apocalipse está de tal forma impregnado do texto do Antigo Testamento, que é difícil, se não mesmo

impossível, distinguir o que é alusão do que não é. Isto que se diz sobre o Apocalipse diga-se igualmente a propósito dos evangelhos, dos Actos e das cartas². A diferença reside no facto de que nestes últimos encontramos muitas referências explícitas introduzidas como tais³. Estes escritos assinalam assim de modo claro nas respectivas citações que reconhecem a BH como revelação divina ... este reconhecimento de autoridade varia segundo os casos. Por vezes encontra-se em simples contexto de revelação o simples verbo *legei*, ‘ele (ou: ela) disse’, sem um sujeito expresso, como mais tarde nos escritos rabínicos.....Por vezes o sujeito é expresso: é ‘a Escritura’, a ‘lei’, ou ‘Moisés’ ou ‘David’, sobre o qual se diz que foi inspirado, ‘o Espírito Santo’, ou ‘o Senhor’ como diziam os oráculos proféticos⁴. Mateus apresenta por duas vezes uma fórmula complexa que indica quer o locutor divino quer o mensageiro humano: ‘isto que foi dito pelo Senhor por meio do profeta que diz ...’ (Mt 1,22; 2,15). Em outras ocasiões a menção do Senhor permanece implícita, sugerida apenas pela escolha da preposição *día*, ‘por meio de’. Nestes textos de Mateus o uso do verbo ‘dizer’ no presente tem o efeito de apresentar as citações da Bíblia Hebraica como uma palavra viva, cuja autoridade é sempre actual⁵.

“Em vez do verbo *dizer* o termo mais utilizado para introduzir as citações é frequentemente o verbo ‘escrever’, e o tempo em grego é o perfeito, tempo que exprime o efeito permanente de uma acção passada: *gegraptai*, ‘foi escrito’, e daí para a frente ‘está escrito’⁶. Por vezes o Novo Testamento utiliza textos da Bíblia Hebraica para *argumentar*. Aparecem então as expressões “como está escrito” (Mt 26,31) ou “porque está escrito” e “a Escritura não pode ser abolida” (Jo 10,35)⁷.

² No evangelho de Mateus contam-se 160 citações implícitas e alusões; 60 no evangelho de Marcos, 192 no evangelho segundo S. Lucas, 137 no de S. João, 140 nos Actos, 72 na carta aos Romanos, etc.

³ 38 citações em Mateus, 15 em Marcos, 15 em Lucas, 14 em S. João (no evangelho), 22 no livro dos Actos, 47 só na carta aos Romanos, e por aí adiante.

⁴ Sujeitos expressos: “a Escritura” (Rom 9,17; Gal 4,30), “a lei” (Rom 3,19; 7,7), “Moisés” (Mc 7,10; Act 3,22; Rom 10,19), “David” (Mt 22,43; Act 2,25; 4,25; Rom 4,6), “o profeta” (Mt 1,22; 2,15), “Isaias” (Mt 3,3; 4,14; Jo 1,23; 12,39.41; Rom 10,16.20), “Jeremias” (Mt 2,17), “o Espírito Santo” (Act 1,16; Heb 3,7; 10,15), “o Senhor” (Heb 8,8.9.10; Jer 31,31.32.33).

⁵ Cf. PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *Il popolo ebraico e le sue Sacre Scritture*, Vaticano 2001, 21 (nº4).

⁶ Cf. *Ibidem*.

⁷ Cf. *Ibidem*, 23 (nº 5). Cf. 1 Tim 3,15; 2 Ped 1,20-21.

Mas o N.T. também cita as Sagradas Escrituras hebraicas segundo a hermenêutica do *cumprimento* (Mt 2,23; 4,14; 8,17; 12,17; 13,35; 16,21; 21,4; 26,54; Lc 9,22; 17,25; 22,37; Mc 8,31; 14,49; Jo 12,38; 13,38; 15,25; 17,12; 19,24.28.36) e da *conformidade com as Escrituras Hebraicas* (Mc 14,49; Mt 5,7; 15,11; 26,56; Lc 4,17-21; 16,29-31; 24,27; Jo 5,47; 19,28; 1 Cor 15,3-5)⁸.

Mas por que motivo cardeal Martini interpelou em 1999 o Sínodo dos Bispos sobre a Europa sobre o lugar e a necessidade de redar outra vez aos jovens os livros da Escritura enquanto *livro do futuro* do continente europeu? De certo porque é essa a grande tradição europeia. Quanto mais se abeirou do texto no espírito que inspirou o texto, a Europa encontrou sempre sabedoria, luz para o seu caminho, conseguiu distanciar-se criticamente do mundo e dialogou com a cultura, elevou-a. Mas porquê, por que motivo(s), continua a fé a perguntar?

Nela o leitor encontra sempre os grandes paradigmas. A *lectio divina* poderá ser actualmente um campo fértil, não arcaico. Permite o aprofundamento acompanhado e contemplativo do mistério profundo de Deus, para lá dos conhecimentos técnicos da exegese. Precisamente em virtude destas qualidades têm vindo a ser recuperados para a própria exegese bíblica os dados destas práticas antigas e sábias da Igreja. Nelas a Igreja renasceu, os mosteiros foram centros de vida, e o anúncio do evangelho foi cimentado. A *scala claustralium*, como dizia Guigo II, prior da Grande Cartuxa em 1145, permite o crescimento espiritual e também teológico. Um não é separável do outro. O mundo judaico adoptou outra metodologia influenciado pela tradição rabínica. Também buscou sentido e sabedoria no texto buscando um segundo significado (*tartê’ mishnah*), confrontando vários textos afins (pela *gezerah shawah*), modificando quando necessário a leitura do texto (pela *al tiqrê*) ou comparando o oximórico através da técnica rabínica do *qal wahomer*. Os *Sermões* do nosso Padre António Vieira, os *Diálogos* de Frei Amador Arrais⁹, os *comentários aos Salmos* de Frei Bartolomeu dos Mártires, os escritos do Padre Manuel da Nóbrega, do padre Manuel Bernardes, de Frei Agostinho da Cruz, e de Frei Heitor Pinto, todos eles ajudaram a interpretar o seu tempo relendo e enriquecendo-o à luz do texto bíblico. Assim, por exemplo, se defenderam os índios no Brasil ao tempo das Descobertas, bíblicamente inspirada essa defesa também com a crítica e a denúncia dos profetas de Israel.

⁸ Cf. *Ibidem*, 25 (nº7).

⁹ Cf. Frei AMADOR ARRAIS, *Diálogos (Coimbra 1589)*, edição MÁRIO GONÇALVES VIANA, [= Coleção Clássicos Antigos e Modernos Série A], Porto, Livraria Figueirinhas 1944.

¹ Cf. PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *Il popolo ebraico e le sue Sacre Scritture*, Vaticano 2001.

Mesmo olhando-a apenas como o património da mitologia do ocidente, a Escritura tem vindo aos poucos a ser integrada nos currículos universitários. Não é possível compreender a cultura e a Europa sem as suas raízes bíblicas, como também não é possível revivificar ambas sem essas raízes.

O cristianismo é uma palavra. Lemos muitíssimas vezes estas palavras, porque nelas encontramos sentido, ou seja, tal acontece porque a palavra nunca se esgota na escrita e a realidade é maior do que as palavras. Por isso, a essas realidades as palavras da Escritura nos remetem. A Escritura abre a uma Palavra, a uma Palavra de sentido, logo que unifica, abre à presença de alguém a Alguém. Abriu a Europa a uma transcendência de si mesma. Por isso é uma palavra que fala. Não apenas diz. Há muita gente hoje a dizer muita coisa por escrito ou oralmente, mas não dizem nada. Falam falam, escrevem escrevem, mas não dizem nada. Não são palavra porque não têm nada para dizer a quem quer que seja. Quando muito vendem papel. Na Escritura o homem é colocado à altura de si mesmo. Por isso, espera do outro uma palavra. A Escritura judeo-cristã ensina a Europa a tratar o homem como homem, como próximo, como *frater*, e não apenas como número ou cidadão (Roma), ou ente (Grécia). Ora, Jesus nos evangelhos também assume a crítica às ditas mundividências abstractas segundo as quais o homem é um cidadão abstracto imerso num estado ou numa ideologia. Neste sentido, na Escritura o próximo é uma palavra e encontra uma palavra.

Liturgicamente, esta palavra une-nos na celebração e no ritmo do tempo. Na primavera é celebrada na festa dos ázimos (ou *massô*) cuja simbologia é integrada na haggadah da festa da Páscoa. A festa do Verão é incorporada na festa da ceifa (ou *qasîr*), também chamada *festa das semanas (shavuôt)* e que está na origem do nosso Pentecostes. A festa do Outono é reinterpretada na festa das *colheitas (ou asîf)*, também chamada *festa das sukkôt* por alturas de Setembro (cf. Ex 23,15-16; Lev 23,4-22). A festa dos *Purim* de Ester está na origem remota do nosso carnaval, e a nossa festa do Natal é uma tradução convencional da festa hebraica da Hannukah, a festa da rededicação do tempo de Jerusalém após a blasfémia de Antíoco IV Epifanes no tempo da resistência macabeica de Judas Macabeu (cf. 1 Mac 3).

A Escritura dividiu mesmo o calendário com Cristo como ponto de referência. Ele é o centro do tempo, do calendário. Esse tempo é um tempo histórico, finalizado, aberto a um futuro de esperança. É um tempo dado e a construir. Não é um tempo fechado, vergado a algum destino. Não é o tempo grego do

eterno retorno reencarnacional. Este tempo finalizado é o tempo da tradição genesiaca, a qual seculariza já em Israel a relação de Deus ao mundo respeitando a liberdade humana, o mesmo é dizer, respeitando a justa autonomia das realidades terrestres (GS 36.59).

Ao nível da organização social, este texto une-nos à volta da defesa da família monogâmica, fornece-nos o código de interpretação da cultura do ocidente e da própria arte. Dá à cultura Europeia o lugar do sujeito como actor primacial da sua própria história, fundamentando esse lugar primacial na dignidade inalienável de cada ser humano, que assim o é na sua própria natureza porque criado à imagem e semelhança de Deus, ou seja, é colocado por Deus como senhor da criação e aberto à transcendência. Este respeito da defesa da dignidade humana é tutelado na tradição judaico-cristã pela lei como factor de sociabilidade. Por isso, a Torah diz que quem não observa a Lei será punido. Isto é afirmado na secção propriamente legal, ali onde o mandamento (*praeceptum legis*) é seguido da indicação da sanção (*sanctio legis*). Estes são os fundamentos da justiça.

Continua a Sagrada Escritura a oferecer uma mundividência orgânica, onde Deus e o homem têm lugar. Ora, actualmente a cultura parece poder ser declarada como dominada pela chamada “morte de Deus”, por um “ateísmo estrutural”¹⁰ (Eugen Biser). Mas também o texto bíblico nos relata como Israel morre quando faz Deus morrer. Essa é a crítica profética da idolatria, que nunca deixou de estar presente ao longo da história da Europa. É uma experiência, mais uma, paradigmática.

No que à hermenêutica bíblica diz respeito assiste-se actualmente a uma desconfessionalização da exegese bíblica. Este movimento tem vindo a ser acolhido sem receio no seio da teologia católica desde há várias décadas. Tal permitiu a formação de comissões mistas ao nível do diálogo ecuménico e ao nível do diálogo inter-religioso. Todavia, subsistem diferenças com a interpretação de algumas passagens do texto bíblico. Alguns destes problemas são de ordem teológica no que toca à escatologia, à salvação, à estrutura da Igreja, à função do primado, à tipificação do ministério (ordenado ou não) no feminino, às questões concernentes ao divórcio e ao casamento. Outras dificuldades são do foro canónico-jurisdiccional, como a relação entre a Igreja universal e as Igrejas particulares ou a relação da Igreja a Israel. E outras

¹⁰ Eugen BISER, *Pronóstico de la Fe. Orientación para la época postsecularizada (1991)*, Barcelona 1994, 485.

ainda são divergências mesmo do ponto de vista canónico: a lista, algumas questões de hermenêutica.

Esta Palavra une-nos porque é a mesma para toda a universalidade. A escuta da Palavra religa o leitor ao seu mistério e ao de Deus. Pela mediação da Escritura, o crente reencontra a questão de Deus, no fundo reencontra a questão do sentido. Por isso, “a Igreja sempre venerou as divinas Escrituras como venera o próprio Corpo do Senhor ... pois nelas Deus vem amorosamente ao encontro dos seus filhos” (DV 21). As Escrituras, com efeito, ex-piram Deus na tradição católica e in-spiram Deus na tradição da Reforma ou enformam a relação ao Deus da aliança na tradição hebraica.

Neste processo de interpretação importa tomar alguns cuidados

- a) *O risco do escolaticismo* enquanto forma da cativeiro do texto bíblico na qual o texto bíblico é reduzido a um mero objecto científico de pesquisa e de exegese como fim em si mesmo. Deste modo, a investigação analítica poderá tornar-se céptica face ao texto, e os sermões transformam-se em veículos de informação sobre o texto;
- b) *O risco do culturalismo* que consiste no uso consciente ou inconsciente da Escritura para justificar uma situação cultural, promovê-la, ou defendê-la a todo o custo, como se esse fosse o objectivo do texto bíblico e da sua leitura;
- c) *O risco do moralismo* como velha propensão da homilética, da tradição rabínica e da pregação. É no entanto uma redução do texto bíblico. A Palavra de Deus é um desafio à conversão, mas os textos não querem ser um conjunto de normas rígidas;
- d) *O risco do compartimentalismo* que silencia alguns aspectos da existência humana, fazendo uma interpretação estanque dos textos ou só de uma parte dos textos;
- e) *O risco do biblicismo* enquanto risco de elevar o texto bíblico acima da Boa Nova que pretende anunciar. Nessa altura, a Escritura fala apenas a sua própria linguagem, e talvez a linguagem dos especialistas. Normalmente, o biblicismo faz mais fé na palavra bíblica do que na Palavra de Deus. Prega-se mais a Bíblia do que o Evangelho, e nesse momento já não se consegue pôr Deus a falar.

José Carlos Carvalho (Fac. Teologia, UCP, Porto),
Comunicação em *Diálogos com a Bíblia*.

A Palavra que nos une, Porto, 13 de Novembro de 2007